



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE AQUIDAUANA  
CURSO DE HISTÓRIA



**A Escola Municipal Indígena Pólo Feliciano Pio como Patrimônio Cultural da  
Aldeia Ipegue e na perspectiva de ensino da Aula Oficina**

Ariane Gomes Botelho

Aquidauana – MS  
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE AQUIDAUANA  
CURSO DE HISTÓRIA



Ariane Gomes Botelho

**A Escola Municipal Indígena Pólo Feliciano Pio como Patrimônio Cultural da  
Aldeia Ipegue e na perspectiva de ensino da Aula Oficina**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Aquidauana.

Professora Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Squinelo

Aquidauana – MS  
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE AQUIDAUANA  
CURSO DE HISTÓRIA



Dedico este trabalho aos meus amigos, colegas e principalmente aos meus familiares, que tanto me incentivaram a continuar nesta busca para alcançar os meus objetivos.



### **Agradecimento**

Agradeço primeiramente a Deus, pelas bençãos que me concedeu, dando-me saúde, capacidade e inteligência para seguir em frente com meu objetivo.

Agradeço aos meus familiares, pai, mãe, irmã, filhos, esposo, tias e tios pelos inúmeros incentivos para vencer cada obstáculos que surgiu ao longo deste processo.

Agradeço as minhas avós Antônia e Neuza (*in memória*) pelas orações.

Agradeço em especial à minha orientadora e professores pela dedicação e incentivo para prosseguir com os estudos, e aos meus colegas de turma pelo companheirismo e amizade construídos ao longo destes anos de faculdade.



## Sumário

INTRODUÇÃO .....	06
CAPÍTULO 1 .....	10
1.1 Patrimônio Cultural e sua Importância .....	10
1.2 A Política de Patrimônio Cultural no Brasil .....	12
1.3 A criação do IPHAN e sua trajetória desde o SPHAN .....	15
1.4 O IPHAN no Mato Grosso do Sul .....	17
1.5 Patrimônio Material .....	19
1.6 Patrimônio Imaterial .....	20
1.7 A Educação Patrimonial .....	21
1.8 O Museu de Arqueologia da UFMS (MuArq) e a Educação Patrimonial .....	22
CAPÍTULO 2 – Os Terena e a escola municipal indígena “Feliciano Pio”, Aldeia Ipegue: memória, história e comemorações .....	24
2.1 Terenas .....	24
2.2 Aldeia Ipegue .....	26
2.3 A escola Feliciano Pio .....	27
2.4 Tradições e cultura na escola Feliciano Pio .....	30
CAPÍTULO 3 – Uma abordagem da escola municipal indígena “Feliciano Pio” (Aldeia Ipegue) através da metodologia da aula oficina .....	35
3.1 Aula-oficina e a Escola Indígena .....	35
3.2 Educação Patrimonial e a Aula-oficina .....	36
3.3 Educação Patrimonial em Aula-oficina na escola da Aldeia Ipegue: Uma rica fonte de saberes .....	38
4 Conclusões .....	42
REFERÊNCIAS .....	43



## Resumo

A identidade cultural e o sentimento de pertencimento são fundamentais para a preservação de uma população. A valorização do patrimônio cultural, tanto físico como imaterial, é essencial para transmitir a história de uma sociedade. A educação patrimonial desempenha um papel crucial nesse processo, especialmente nas comunidades tradicionais. A metodologia "aula-oficina" é uma abordagem pedagógica participativa que valoriza conhecimentos tradicionais e acadêmicos. Neste estudo, apresentamos a possibilidade de aplicação dessa metodologia em uma escola indígena na aldeia Ipegue, em Aquidauana, Mato Grosso do Sul. A pesquisa buscou apresentar práticas inovadoras e contextualizadas de educação patrimonial, contribuindo para políticas públicas educacionais mais inclusivas e respeitosas com a diversidade cultural. Os dados aqui levantados demonstram que trabalhar com os aspectos culturais de uma sociedade tradicional é uma ferramenta eficiente na construção de alunos(as) mais participativos, protagonistas de suas histórias e transmissores de suas tradições.

**Palavras-chave:** Aula-oficina, Educação patrimonial, comunidades tradicionais, Terena.



## Introdução

Meu nome é Ariane Gomes Botelho, tenho 29 anos, sou indígena da etnia Terena, a segunda maior etnia do estado de Mato Grosso do Sul, sou casada e tenho dois filhos. Resido na aldeia Ipegue, comunidade Terena da terra indígena Taunay-Ipegue, desde que nasci e sou filha de Orlando Botelho e Rosangela Gomes Botelho.

Minha família é grande, com participação ativa em diversos momentos históricos da minha comunidade, sempre como membros de liderança tribal. A maioria dos membros de nossa família são professores. Cresci vendo meu avô, minha mãe, meus tios, tias e primos trabalhando em sala de aula, isso despertou meu amor pela educação desde pequena.

Em 2010, cursei magistério em Campo Grande, MS, durante quatro anos. Com essa formação, posso trabalhar com séries iniciais e em creches. Buscando ampliar minhas possibilidades de atuação, alguns anos depois, ingressei na UFMS no curso de História. Sou muito ativa em questões de educação, sempre participo nas comemorações da escola e da comunidade, das danças, brincadeiras e jogos promovidos dentro da aldeia Ipegue, tanto na época como aluna, quanto agora como professora e mãe de um aluno.

Minha família e eu sempre estamos presentes nos eventos da comunidade, sejam eles políticos, educacionais ou religiosos. Cultivamos o amor, o carinho e, principalmente, o respeito e a união em nossa família. Posso afirmar que somos muito apegados uns aos outros, assim fomos ensinados pela minha avó Antônia, que já se foi, e pelo meu avô, que pela bênção de Deus ainda está entre nós.

Durante o meu curso de História na UFMS de Aquidauana, tive a oportunidade de participar da disciplina "Oficina de Prática de Ensino II" ministrada pela Professora Doutora Ana Paula Squinelo. Nessa disciplina, desenvolvemos um trabalho em grupo com o tema de patrimônio cultural. Essa experiência foi diferente das aulas habituais e despertou em mim não apenas interesse pelo tema, mas também pela metodologia de ensino. Percebi que ali havia uma oportunidade de aprimorar a experiência de ensino-aprendizagem para as aulas nas escolas indígenas da nossa comunidade.

A partir desse momento, comecei a amadurecer a ideia de trazer essa experiência para o meu trabalho de conclusão de curso. Em 2021, iniciei as leituras e idealizei o presente trabalho, e com a ajuda indispensável da Professora Doutora Ana



Paula Squinelo, em 2022, delimitamos o tema "Patrimônio Histórico da Aldeia Ipegue", com foco na Escola Municipal Polo Feliciano Pio. Desde então, tenho realizado pesquisas e coleta de relatos na aldeia Ipegue, conversando com alunos da antiga missão, que hoje frequentam a Escola Municipal Polo Feliciano Pio, bem como professores atuais e ex-professores. Além disso, mantenho minha rotina como professora nessa mesma escola.

Esta pesquisa abrange um breve histórico desde a fundação da escola até os dias atuais, trazendo informações importantes para os alunos e a comunidade que, muitas vezes, desconhecem ou não valorizam adequadamente a história que faz parte da memória histórica e identidade da região. Dessa forma, este trabalho pode fortalecer o orgulho e a autovalorização dos membros da comunidade escolar, incentivando a preservação e transmissão dos valores históricos que são fundamentais para a Aldeia Ipegue.

A identidade cultural e o sentimento de pertencimento são elementos intrínsecos ao ser humano e desempenham um papel essencial na preservação e continuidade de uma população. Ao longo da história, podemos observar em várias civilizações a valorização de objetos e estruturas que carregam a história de uma sociedade, superando até mesmo o valor de ouro e outras riquezas (CONCEIÇÃO, 2018).

A preservação e transmissão dos aspectos culturais às gerações futuras são uma busca comum a todas as culturas, agregando o conceito de "patrimônio" como algo de valor. Seja na forma de prédios, pinturas, estruturas físicas ou elementos intangíveis, a preservação desses "patrimônios culturais" demonstra a importância de valorizá-los (FERREIRA et al., 2020).

Enquanto a preservação do patrimônio físico requer manutenção e sistemas de segurança, garantindo que as gerações futuras tenham acesso a esses "pedaços" da história, a preservação de aspectos culturais intangíveis, como cânticos, mitos, danças e práticas tradicionais, apresenta desafios diferentes. Nesse sentido, a educação patrimonial desempenha um papel fundamental na preservação da identidade cultural e no fortalecimento da cultura de uma comunidade, especialmente em comunidades tradicionais (ALMEIDA, 2019).



No entanto, é essencial que as práticas pedagógicas considerem as especificidades culturais e contextuais das comunidades tradicionais, promovendo uma educação de qualidade e relevante para os(as) alunos(as). Nesse contexto, a metodologia "aula-oficina" tem se destacado como uma abordagem que valoriza a participação dos estudantes e a integração de conhecimentos prévios, tradicionais e/ou acadêmicos (LACERDA, 2015; GAGO, 2020).

Este trabalho tem como objetivo apresentar a utilização da metodologia "aula-oficina" como uma ferramenta pedagógica eficaz para escolas indígenas, abordando aspectos de uma escola indígena localizada na aldeia Ipegue, em Aquidauana, Mato Grosso do Sul.

A aldeia Ipegue é habitada pelos indígenas da etnia Terena, que possuem uma rica tradição cultural e uma profunda relação com a natureza e a educação. A escola indígena dessa comunidade busca proporcionar uma educação que valorize e fortaleça a identidade cultural, ao mesmo tempo em que promove o acesso ao conhecimento acadêmico (DOMINGO, 2017).

A metodologia "aula-oficina" se caracteriza por ser participativa e prática, incentivando os(as) alunos(as) a realizar atividades colaborativas que contribuam para a construção do conhecimento. Através dessa abordagem, busca-se desenvolver habilidades e competências essenciais, como autonomia, pensamento crítico, criatividade e valorização dos saberes locais (LACERDA, 2015).

Diante desse contexto, este estudo tem como objetivos apresentar conceitos de patrimônio cultural utilizados na educação patrimonial, bem como investigar a aplicação da metodologia "aula-oficina" e seus impactos percebidos pela comunidade indígena da aldeia Ipegue, em Aquidauana/MS na valorização da cultura e no fortalecimento da identidade de seus estudantes. Para isso, serão realizadas pesquisas bibliográficas e documentais na escola em questão, além de entrevistas com ex-alunos, ex-professores e anciãos colaboradores da escola, buscando informações ainda não documentadas.

Espera-se que esta pesquisa contribua para o aprofundamento do conhecimento sobre a potencialidade de práticas pedagógicas inovadoras e contextualizadas na educação patrimonial, especialmente nas escolas indígenas. Além disso, pretende-se fornecer subsídios para o aprimoramento das políticas



públicas educacionais voltadas para as comunidades indígenas, valorizando a cultura e promovendo uma educação de qualidade. Esses elementos são fundamentais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com a diversidade cultural existente em nosso país.

Para melhor apresentação, o presente trabalho está dividido em 3 capítulos, visando uma melhor organização e compreensão do conteúdo. O primeiro capítulo oferece uma breve revisão de termos e instituições relevantes para a compreensão da temática abordada. O segundo capítulo contextualiza a comunidade da Aldeia Ipegue, bem como a etnia Terena e sua cultura. Por fim, o terceiro capítulo concentra-se na metodologia da aula-oficina, estabelecendo uma relação entre a educação patrimonial e essa abordagem prática de ensino. Além disso, apresenta uma proposta de aula-oficina com a Aldeia Ipegue como tema central.

## CAPÍTULO 1

### 1.1 Patrimônio Cultural e sua importância

Patrimônio Cultural, em seu conceito básico, é indivisível, no entanto, podemos categorizar seus aspectos em bens materiais e imateriais, especialmente quando falamos sobre o Patrimônio Cultural. Isso significa que existem coisas tangíveis, como objetos e construções, e coisas intangíveis, como tradições e expressões, que são reconhecidas como parte do Patrimônio Cultural brasileiro após passarem pelos processos legais de tombamento e registro (CHUVA, 2012).

Tanto como algo que merece ser estudado, quanto como um elemento que contribui para a educação o patrimônio cultural possui grande importância. Afinal, o patrimônio cultural é composto por coisas que representam a identidade de um povo, sua história, sua cultura e seus valores. É por esta razão que é essencial preservar e valorizar o patrimônio cultural, pois isso contribui para a construção de uma identidade coletiva e para promover a cidadania. (LACERDA et al., 2015).

No contexto da educação, vemos que o patrimônio cultural pode ser uma ferramenta incrível para despertar a curiosidade e estimular o aprendizado dos(as) estudantes. Nesse sentido, as oficinas culturais surgem como uma ótima opção para explorar o patrimônio dentro da sala de aula, proporcionando uma experiência interdisciplinar e participativa para os(as) alunos(as). É importante destacar que a educação patrimonial deve ser desenvolvida como um processo de aprendizagem que envolve toda a comunidade local, pois assim, todos se tornam responsáveis pela preservação e valorização do patrimônio cultural (FIGURA 01), promovendo a conscientização e o orgulho da sua história e cultura (NICODEMO et al., 2018).



**FIGURA 01:** Projeto cultural desenvolvido na escola indígena Feliciano Pio, na aldeia Ipegue em Aquidauana-MS, onde os(as) alunos(as) produziram suas vestimentas tradicionais e realizaram as danças tradicionais da etnia Terena, em A, a dança das mulheres e em B, a dança dos homens.

Foto: A; B – Arquivo Pessoal, 2022

É fundamental lembrarmos que o patrimônio cultural vai além de ser apenas uma atração turística ou um tema de estudo isolado, ele possui uma importância significativa para o desenvolvimento sustentável e pode ser utilizado como uma ferramenta para valorizar a diversidade cultural e as identidades locais. É necessário que tenhamos diálogos sobre a conexão entre patrimônio e desenvolvimento, buscando promover o respeito às diversas culturas e integrar esse patrimônio como um elemento essencial para o progresso da sociedade como um todo (RIBEIRO, 1995; TOLENTINO, 2013).

Preservar nosso patrimônio cultural é fundamental para a construção de nossa identidade e para impulsionar a educação e o desenvolvimento sustentável. É preciso envolver os(as) alunos(as) de forma interdisciplinar e participativa no uso do patrimônio cultural como ferramenta pedagógica, além de valorizar as identidades locais para um aprendizado significativo e relevante.

De maneira simples e clara, podemos definir cultura como o conjunto de atividades, costumes e tradições (FIGURA 02) que um povo utiliza para se relacionar e adaptar às suas condições de vida, dando significado às suas ações cotidianas (TELLES, 2010; GODOY e SANTOS, 2014). É importante lembrar que o que chamamos de Patrimônio Cultural não é algo estático e imutável, mas sim um processo em constante evolução e diversificação, que acrescenta riqueza e diversidade à cultura (ZANIRATO e RIBAIRO, 2006).



**FIGURA 02:** Representação do Patrimônio Imaterial da cultura Terena, em “A” a dança das mulheres (Sipu Terena) e em “B” alunos se preparam para a dança do Bate-Pau (Hyokena kypae), danças tradicionais Terena, realizadas em eventos de comemorações e ocasiões especiais, simbolizam as lutas e vitórias do povo Terena.

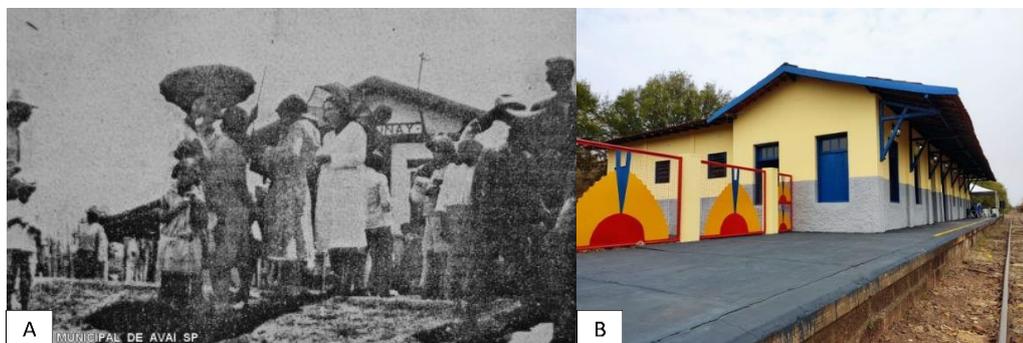
Foto: A; B – Arquivo pessoal.

Podemos compreender que a palavra “patrimônio” remete à ideia de preservar elementos importantes do passado que contribuem para a construção de nossa identidade, evitando sua perda e desaparecimento. Em resumo, podemos dizer que cultura é o conjunto de coisas que um povo faz e acredita para se relacionar entre si e viver o dia a dia. Já o patrimônio cultural é tudo aquilo que é importante para a identidade de um povo e que precisa ser preservado para não desaparecer (FERREIRA, 2006).

## 1.2 A Política de Patrimônio Cultural no Brasil

No Brasil, houve momentos em que só as construções físicas eram consideradas patrimônio, e outros em que as manifestações culturais também passaram a ser valorizadas. Ou seja, houve uma evolução no entendimento do que é patrimônio cultural ao longo do tempo. Podemos identificar esses dois períodos distintos na evolução do conceito de patrimônio cultural no Brasil (HORTA, 1999; LADEIRA et al., 2015).

O primeiro é conhecido como Patrimônio de “Pedra e Cal”, em que se destacam as edificações e construções físicas como patrimônio (FIGURA 03), o termo “pedra e cal” faz referência aos materiais tradicionais utilizados na construção e nos processos de restauração e conservação das edificações históricas, tais como a pedra e o cal. Essa política, embora tenha promovido a preservação de importantes monumentos históricos e arquitetônicos do país, era excludente de muitos outros patrimônios que não se enquadravam nos “moldes” dos então patrimônios dignos de preservação (LACERDA, 1996; SPINA e SERRATO, 2015).



**FIGURA 03:** Estação Ferroviária de Taunay, exemplo de patrimônio cultural material, localizada em Taunay, distrito de Aquidauana-MS, em A, uma rara fotografia dos anos 1930, e em B, prédio após revitalização em 2021.

Foto: A – Revista Ouro Verde, 1931; B – Divulgação Prefeitura Municipal de Aquidauana-MS, 2021.



Já o segundo período, iniciado em meados do século XX, é marcado pela valorização das expressões e manifestações culturais como patrimônio cultural (FIGURA 04). Nesse período, houve uma ampliação do conceito de patrimônio cultural para além dos bens materiais, passando a englobar também as manifestações imateriais da cultura (LACERDA et al., 2015).



**FIGURA 04:** Monumento em homenagem ao Tereré, avenida Duque de Caxias em Campo Grande-MS, o Tereré, bebida típica da cultura sul-mato-grossense, foi declarado patrimônio imaterial da humanidade pela Unesco em 2020.

Foto: Marcos Ermínio, 2020.

Desde então, o Brasil, assim como outros países do ocidente, tem reconhecido a importância de preservar o patrimônio cultural em uma visão mais abrangente. Compreendemos que essa preservação não se limita apenas aos aspectos físicos, mas também engloba os processos, conhecimentos e práticas que envolvem as diversas expressões culturais presentes em nossa sociedade (LACERDA et al., 2015). Essa consciência se fortaleceu ainda mais quando o país aderiu à Convenção sobre o Patrimônio Mundial, Cultural e Natural da UNESCO, em 1972. Essa adesão reforçou a importância de proteger e valorizar nosso patrimônio cultural, reconhecendo sua relevância não apenas para o Brasil, mas para o mundo todo.

Entretanto, já em 1930, o poeta Mario de Andrade, autor de obras como “Macunaíma” e “Amar Verbo Intransitivo”, sonhava com a renovação cultural do Brasil. Ele era um pesquisador entusiasta das tradições culturais brasileiras e estava preocupado com a preservação e a valorização do patrimônio nacional (ZANIRATO e RIBAIRO, 2006). Na época, ele idealizou um projeto que seria o ponto de partida para a preservação do patrimônio imaterial brasileiro: o anteprojeto do Serviço do Patrimônio Artístico.

O objetivo principal era assegurar a proteção dos conhecimentos e tradições da população brasileira. Esse projeto foi retomado na década de 1970, após a assinatura da Convenção da UNESCO, que trouxe uma ampliação do conceito de patrimônio cultural. Foi nesse momento que os especialistas do Centro Nacional de Referência Cultural realizaram uma reformulação e ampliação desse conceito, passando a abranger não somente o patrimônio físico, mas também os processos, conhecimentos e práticas que envolvem as diversas manifestações culturais presentes em nossa sociedade, provenientes de diferentes grupos sociais brasileiros.

Essa nova abordagem buscava garantir a valorização e preservação de todo o nosso rico patrimônio cultural, reconhecendo a sua importância como parte essencial da identidade e da diversidade cultural do país. (NASCIMENTO, 2009).



**FIGURA 05:** Patrimônios Imateriais em Mato Grosso do Sul, à esquerda, “O modo de fazer a viola de cocho”, instrumento da cultura pantaneira na região de Corumbá-MS, à direita a “Cerâmica Terena”, confeccionadas por Mulheres Terenas.

Foto: A – MEDEIROS, 2020; B – Arquivo pessoal.

A partir desse momento, houve um crescente esforço para valorizar e reconhecer os potenciais Patrimônios Culturais do Brasil. O primeiro deles, reconhecido pela UNESCO em 1980 como Patrimônio Cultural Mundial, foi o centro histórico da cidade de Ouro Preto. Desde então, outros patrimônios, como a Viola de Cocho<sup>1</sup> e as Cerâmicas Terenas (FIGURA 05), também ganharam destaque entre os patrimônios culturais registrados. Atualmente, o Brasil conta com 23 patrimônios histórico-culturais na lista da UNESCO (UNESCO, 2022). Nesse contexto, surge então a necessidade de uma entidade para gerenciar os processos e procedimentos envolvidos na conservação desses patrimônios, papel assumido pelo atual IPHAN.

---

<sup>1</sup> Corrêa e Borges, 2010, apresentam informações pertinentes sobre a importância da Viola de Cocho na tradição pantaneira;



### 1.3 A criação do IPHAN e sua trajetória desde o SPHAN

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (FIGURA 06), possui um histórico rico e significativo, isso desde a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e a implementação da política patrimonial "pedra e cal".

O SPHAN foi criado em 1937, no contexto do governo de Getúlio Vargas, como uma resposta à preocupação crescente com a preservação do patrimônio cultural brasileiro. A principal motivação era proteger e valorizar os bens culturais do país, papel que já era atribuído ao estado desde 1934, através da Constituição Federal brasileira, daquele período. Essa iniciativa foi um passo importante para a criação do Instituto Nacional voltado à promoção da conservação do Patrimônio Cultural no

Brasil, como relatado por Marchette em sua obra “Educação Patrimonial e Políticas Públicas de Preservação no Brasil”, de 2016. Maechette é doutora em História pela Universidade Federal do Paraná e exerceu a coordenação da Divisão de Documentação Permanente do Departamento Estadual de Arquivo Público do Paraná. Desde 1996, é Curadora da Coleção A CAPITAL, que publica livros sobre a memória urbana pelo selo Factum Editora, empresa da qual é sócia-gerente.



**FIGURA 06:** Fachada do IPHAN na cidade de Campo Grande-MS.

Galeria do IPHAN, 2022

Na década de 1930, os intelectuais brasileiros foram impulsionados por ideais de arte, história, tradição e nação a se dedicarem ao desenvolvimento do conceito de patrimônio cultural, que se tornou dominante em todo o país. Essa concepção foi amplamente disseminada pelo Serviço do Patrimônio Cultural e Artístico Nacional (SPHAN), o primeiro órgão governamental responsável pela proteção do patrimônio



cultural brasileiro, atualmente conhecido como IPHAN - Instituto do Patrimônio Cultural e Artístico Nacional (FUNARI, 2006; FACCIO, 2010).

Mario de Andrade, reconhecido como um ardoroso defensor da preservação do patrimônio cultural brasileiro, compreendia profundamente a importância de salvaguardar as raízes culturais do país. Sua dedicação resultou em uma série de pesquisas sobre o tema, como evidenciado em sua obra "Macunaíma", que retrata a vida e as tradições dos povos indígenas brasileiros. O impacto de suas contribuições no SPHAN foi de extrema relevância para consolidar a importância da preservação do patrimônio cultural no Brasil e fortalecer a identidade cultural nacional (FUNARI, 2006; BASTOS e ZEIN, 2010; SPINA e SERRATO, 2015). Foi justamente por essa razão que Mario de Andrade se engajou ativamente na luta pela criação do SPHAN e defendeu incansavelmente a preservação do patrimônio histórico e artístico do Brasil (FACCIO, 2010; NASCIMENTO, 2016).

A criação do SPHAN teve como propósito principal a proteção do patrimônio cultural do Brasil, com ênfase inicial na preservação e restauração de bens materiais. Essa abordagem, conhecida como "pedra e cal", focalizava especialmente os monumentos históricos e arquitetônicos, especialmente as construções coloniais do período barroco (HORTA, 1999; ABRANTES, 2014).

Ao longo do tempo, tornou-se evidente a necessidade de reformular o conceito de patrimônio cultural, expandindo o escopo de atuação do órgão para abranger de forma mais abrangente o patrimônio cultural. Em 1979, por meio da Lei nº 6.684, o SPHAN foi transformado no IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Essa mudança não se restringiu apenas à alteração do nome e sigla, mas sim refletiu uma busca por uma visão mais abrangente e inclusiva do patrimônio cultural, incorporando não apenas os aspectos materiais, mas também os aspectos imateriais, como tradições, festas e manifestações culturais (ZARBATO et al., 2019).

Essa evolução do SPHAN para o IPHAN representou um marco significativo na compreensão do patrimônio cultural no Brasil, reconhecendo a importância não apenas das estruturas físicas, mas também das expressões culturais vivas que permeiam a identidade nacional. A ampliação do escopo de atuação do IPHAN reflete uma compreensão mais abrangente e atualizada do patrimônio cultural, que vai além



das construções arquitetônicas para englobar a diversidade e a riqueza das manifestações culturais do povo brasileiro.

A criação do IPHAN marcou uma mudança significativa na abordagem de preservação e promoção do patrimônio cultural brasileiro. Ao adotar uma abordagem integrada e participativa, o instituto reconheceu a necessidade de valorizar a diversidade cultural e as expressões culturais presentes em todo o país. Essa mudança de paradigma refletiu uma visão mais abrangente do patrimônio, que passou a incluir não apenas os aspectos estéticos e históricos, mas também as práticas, conhecimentos e expressões culturais presentes nas diferentes comunidades (HORTA, 1999).

Atualmente, o IPHAN desempenha um papel fundamental na promoção da educação patrimonial. Por meio de programas e projetos, o instituto busca conscientizar a sociedade sobre a importância da preservação e valorização do patrimônio cultural. A educação patrimonial tem como objetivo envolver as comunidades na proteção de seu próprio patrimônio, estimulando uma consciência crítica em relação à identidade cultural (OLIVEIRA, 2019).

Essa abordagem educativa não se limita apenas à transmissão de informações, mas também busca criar um senso de pertencimento e responsabilidade em relação ao patrimônio. Ao envolver as comunidades de forma ativa, o IPHAN busca fortalecer o vínculo entre as pessoas e seu patrimônio cultural, estimulando o respeito, a valorização e a preservação dessa riqueza imaterial que faz parte da história e identidade do povo brasileiro. Nesse sentido, a educação patrimonial promovida pelo IPHAN desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade consciente, engajada e comprometida com a preservação do patrimônio cultural brasileiro.

#### **1.4 O IPHAN no Mato Grosso do Sul**

A criação do IPHAN em Mato Grosso do Sul, em 1979, reflete o reconhecimento da importância do patrimônio cultural material e imaterial da região e a necessidade de sua proteção, preservação e valorização. Nos primeiros anos de atuação do órgão, houve um foco significativo no levantamento e inventário do patrimônio cultural, realizando pesquisas e estudos em diversas áreas do estado. Tombamentos



importantes foram realizados nesse período, destacando-se a igreja de Nossa Senhora do Carmo em Miranda e o conjunto arquitetônico da Praça Antônio João em Dourados (DE OLIVEIRA, 2016; SCARDINI, 2019).

Ao longo das décadas seguintes, o IPHAN-MS ampliou suas ações, desenvolvendo projetos de restauração e conservação de patrimônios tombados, além de promover eventos e atividades para valorização e disseminação do patrimônio cultural. Exposições, cursos, seminários e festivais têm sido realizados com o intuito de envolver a comunidade e fomentar a apreciação e preservação do patrimônio (SCARDINI, 2019).

No que se refere ao patrimônio material, o IPHAN de Mato Grosso do Sul tem concentrado esforços na conservação e restauração de edifícios históricos, como igrejas, casarões e monumentos, que desempenham um papel importante como testemunhos da história e arquitetura da região. Além disso, o órgão tem se dedicado à preservação de sítios arqueológicos, contribuindo para a compreensão do passado pré-histórico da região. No campo do patrimônio imaterial, o IPHAN tem trabalhado na valorização das tradições culturais das comunidades locais, englobando a proteção de festas populares, manifestações artísticas, saberes e práticas tradicionais, que são expressões vivas da cultura sul-mato-grossense (DE OLIVEIRA, 2016).

Essas ações desenvolvidas pelo IPHAN-MS refletem o compromisso com a preservação e valorização do patrimônio cultural de Mato Grosso do Sul. Ao proteger e promover tanto o patrimônio material quanto o imaterial, o instituto desempenha um papel relevante na salvaguarda da identidade e memória da região, bem como na valorização das tradições e diversidade cultural existentes no estado.

Entre os principais desafios enfrentados pelo IPHAN, a falta de recursos, a pressão do desenvolvimento urbano e a necessidade constante de conscientização da população sobre a importância do patrimônio cultural são os principais. Para superar esses desafios, o órgão tem buscado parcerias com instituições locais, promovendo ações educativas e envolvendo a comunidade na proteção e valorização do seu patrimônio além de atuar no desenvolvimento de políticas para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial (DORSA et al., 2015). É um trabalho contínuo e essencial para a preservação da história e da cultura sul-mato-grossense.



### 1.5 Patrimônio Material

Quando abordamos o conceito de Patrimônio Cultural, é comum pensarmos em edifícios, vilas, cidades e outras estruturas que representam a arquitetura colonial. Essas estruturas, conhecidas como "patrimônio cultural material", englobam edifícios (FIGURA 07), monumentos, estruturas urbanas e rurais, sítios arqueológicos e objetos históricos (GONÇALVES, 2015).



**FIGURA 07:** Paróquia Nossa Senhora do Carmo, em Miranda-MS, exemplo de edifício histórico importante para a história local, exemplo de patrimônio cultural material.

Arquivo Pessoal, 2018

O patrimônio cultural material é considerado de grande importância para a história e cultura de uma sociedade ou local específico. Geralmente, a preservação e conservação desses bens tangíveis demandam recursos financeiros e mão de obra especializada. É relevante ressaltar que qualquer estrutura física e palpável pode ser enquadrada nessa categoria, e sua preservação pode exigir um esforço considerável em termos de recursos e trabalho, especialmente em casos de recuperação (FUNARI, 2020).

Essa noção de patrimônio cultural material nos remete à valorização do legado arquitetônico e histórico, reconhecendo a importância dessas estruturas como testemunhos do passado e como elementos que contribuem para a identidade de uma



comunidade ou nação. A conservação desses bens requer um cuidado especial para garantir sua integridade e transmitir às gerações futuras a riqueza cultural e a memória coletiva presentes nessas edificações (FUNARI, 2020).

Portanto, a preservação do patrimônio cultural material é um desafio que envolve não apenas aspectos técnicos, mas também questões financeiras, políticas e sociais. É necessário o engajamento de diversos atores, como governos, instituições especializadas e a própria comunidade, para assegurar a salvaguarda desses bens e o seu aproveitamento como recursos para o turismo, educação e fortalecimento da identidade cultural (GONÇALVES, 2015).

O patrimônio cultural material é extremamente valioso, pois desperta a consciência da sociedade para a importância de preservar os aspectos culturais como uma maneira de valorizar nossa cultura e identidade nacional. Foi por meio desse conceito que a discussão sobre a preservação do patrimônio cultural progrediu, abrindo caminho para o debate sobre o que hoje chamamos de "Patrimônio Imaterial" (MARTINS, 2009).

Dessa forma, o patrimônio cultural material se revela como um ponto de partida para o diálogo e ações que visam salvaguardar nossa herança cultural e promover o respeito pela diversidade de manifestações culturais presentes em nosso país. É por meio desse reconhecimento e valorização que podemos fortalecer nossa identidade coletiva e garantir que as futuras gerações tenham a oportunidade de conhecer e se inspirar em nossa rica história cultural

## **1.6 Patrimônio Imaterial**

Ao longo do tempo, percebemos uma evolução significativa no conceito de patrimônio cultural, impulsionada pela conscientização crescente da importância de preservar e valorizar os aspectos histórico-culturais que moldam nossa identidade como sociedade (MARTINS, 2009). Nesse contexto, emerge o conceito de "patrimônio imaterial", que se refere às tradições, expressões orais, práticas, conhecimentos e técnicas transmitidos de geração em geração e que desempenham um papel fundamental na preservação da identidade cultural de um povo (FIGURA 08).



**FIGURA08:** Oficina produção de cerâmica Terena, atividade desenvolvida junto a escola indígena Felipe Antonio, na aldeia Argola, em Miranda-MS.

Foto: EMI Felipe Antonio, 2023.

Diferente do patrimônio material, que se refere a bens físicos como monumentos, edifícios e objetos históricos, o patrimônio imaterial é intangível e se manifesta em diversas formas, como nas artes, na culinária, nas festas e rituais religiosos, na medicina popular, entre outros. A preservação do patrimônio imaterial é importante não só para manter vivas essas tradições, mas também para valorizar e respeitar a diversidade cultural de um país ou região (MARCHETTE, 2016).

A partir da perspectiva de proteção e preservação do patrimônio, houve uma ampliação do entendimento do que seria considerado “patrimônio”. Tradições, eventos religiosos, conhecimentos artísticos passados de geração em geração ganharam destaque, juntamente com a memória e as relações de pertencimento e identidade cultural. Embora essas questões estejam presentes na Constituição Federal, a conscientização da importância da preservação do patrimônio imaterial deve ser disseminada entre a sociedade como um todo, o que pode ser alcançado através da educação (ZANIRATO e RIBEIRO, 2006).

### 1.7 A Educação Patrimonial

Neste contexto, chegamos ao conceito de “Educação Patrimonial”, uma importante ferramenta para promover a conscientização e a compreensão crítica da história e da memória cultural de uma sociedade. Por meio da educação, é possível incentivar a preservação do patrimônio e ampliar o debate sobre o seu valor e significado. Segundo Marchette (2016), a Educação Patrimonial é um caminho



fundamental para garantir que as gerações futuras tenham acesso e respeitem a herança cultural de seus antepassados.

Educação Patrimonial é um processo educativo que visa conscientizar e sensibilizar as pessoas sobre a importância da preservação e valorização do patrimônio cultural, material e imaterial, de uma determinada comunidade ou região. Por meio de ações educativas, como visitas guiadas, oficinas, palestras e atividades lúdicas, busca-se estimular a reflexão sobre a relação entre o patrimônio e a identidade cultural, bem como despertar o interesse e a participação da sociedade na sua preservação e promoção, na construção de uma memória coletiva (FUNARI e PELEGRINI, 2006).

O que se entende é que a educação é uma ferramenta fundamental para a preservação do patrimônio cultural, garantindo a transmissão do conhecimento tradicional por meio de métodos que demonstram a importância desse cuidado com a história para o futuro da sociedade. É por meio da educação patrimonial que se mantém viva a memória, a tradição, a cultura e as conquistas dos antepassados, bem como a luta pela preservação dessas características de pertencimento para as gerações futuras (TOLENTINO, 2019).

Dessa forma, percebemos a importância da educação patrimonial para fins de preservação cultural, das tradições, em especial para comunidades tradicionais como é o caso da Aldeia Ipegue. Se apropriar dessa, e de todas as ferramentas disponíveis para preservar sua cultura é fundamental para manter viva as tradições, história, cultura dos povos originários.

### **1.8 O Museu de Arqueologia da UFMS (MuArq) e a Educação Patrimonial**

O MuArq (Museu de Arqueologia da UFMS) está vinculado ao gabinete da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Esporte (PROECE) da UFMS. O museu possui uma exposição de longa duração localizada no Memorial da Cidadania e Cultura Apolônio de Carvalho desde 19 de maio de 2008. Essa exposição está aberta de segunda a sexta-feira, disponível para visitação de alunos, turistas e público em geral.

Além da exposição, o museu conta com um auditório que exibe vídeos de educação patrimonial e científica, com foco na arqueologia de Mato Grosso do Sul. Também possui uma reserva técnica que abriga mais de 250 mil peças de



arqueologia, uma biblioteca e duas áreas lúdico-pedagógicas, todas localizadas no mesmo espaço.

O objetivo principal do MuArq é realizar pesquisas sobre o passado arqueológico do estado, buscando compreender e explicar os diversos processos de ocupação humana desse território. Dessa forma, contribui para a preservação da memória do patrimônio cultural e para a manutenção da diversidade cultural presente na região.

O museu desempenha um papel importante na educação patrimonial do estado, fornecendo recursos e atividades extraclasse que enriquecem o aprendizado dos estudantes. Essa instituição é uma ferramenta valiosa para a disseminação do conhecimento sobre a história e a cultura da região, contribuindo para a valorização e conservação do patrimônio cultural de Mato Grosso do Sul.

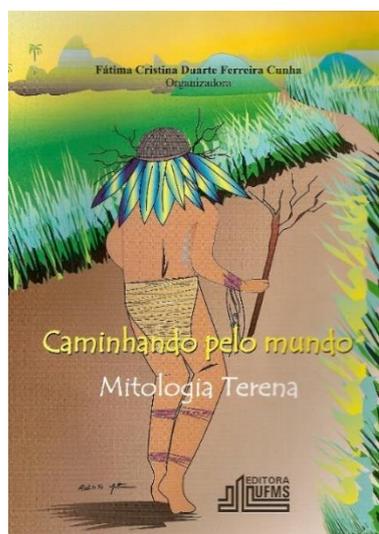


## CAPÍTULO 2 – Os Terena e a escola municipal indígena “Feliciano Pio”, Aldeia Ipegue: memória, história e comemorações

### 2.1 Terenas

Os Terena constituem a segunda maior população indígena em Mato Grosso do Sul, com mais de 25 mil indivíduos que habitam principalmente o estado de Mato Grosso do Sul. De acordo com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) distribuídos principalmente nas cidades de Aquidauana, Anastácio, Miranda, Nioaque, Sidrolândia, Dois Irmão do Buriti, Campo Grande e Rochedo, além de alguns grupos em estados como Mato Grosso e interior de São Paulo, em Aquidauana estão organizados nas aldeias que formam a terra indígena Limão Verde e Taunay/Ipegue, divididas entre territórios demarcados e retomados (BALTAZAR, 2010).

Sua cultura é rica em mitos, rituais e tradições que são transmitidos oralmente de geração em geração e tem sido explorada cada vez mais por seus protagonistas através de projetos, livros etc. (FIGURA 09). A língua falada pelos Terena é do tronco linguístico Aruak. O território Terena foi historicamente disputado por colonizadores e fazendeiros, resultando em conflitos que se estenderam até os dias atuais. O povo Terena luta pela demarcação de suas terras, além da preservação de sua cultura e tradições (VARGAS, 2011).



**FIGURA 09:** Livro “Caminhando pelo mundo: mitologia terena”, reunindo elementos da rica mitologia Terena em uma obra que busca fortalecer a transmissão de tradições que poderiam se perder entre as gerações.

Foto: Divulgação Editora UFMS, 2010.



A relação entre os Terena e os não índios foi estreitada durante a Guerra do Paraguai, na qual os Terena e outras etnias, como os Kadiwéu, lutaram ao lado do exército brasileiro (MONTEIRO, 2019). A dedicação dos indígenas a essa causa aproximou suas comunidades das lideranças políticas da época, o que, por sua vez, resultou em alguns “benefícios”, como a destinação de áreas para suas comunidades se estabelecerem. No entanto, é importante destacar que essas áreas já eram habitadas pelos Terena, e não se trata de um gesto de bondade dos não índios (VARGAS, 2011; SILVA, 2015).

Os Terena são uma comunidade conhecida por sua resiliência e determinação em enfrentar desafios e conquistar seus direitos. Ao longo da história, desde o período da guerra do Paraguai até os dias atuais, os Terena têm travado batalhas significativas em prol da preservação de sua cultura e da busca por melhores condições de vida. Suas lutas se estendem a diversas áreas, incluindo a garantia de direitos relacionados à saúde, educação e terra, aspectos fundamentais para a sobrevivência e o bem-estar desse grupo (FIGURA 10).



**FIGURA 10:** Manifestação Terena na BR 262 contrária à votação de projeto que tramita no Superior Tribunal Federal. Fotografia demonstra a transmissão de valores entre gerações, avô e neta dançam a dança das mulheres Terena.

Foto: Site Bonito Mais Notícia, 2021.

Essas conquistas não apenas asseguram a continuidade da comunidade Terena, mas também evidenciam seu êxito, como evidenciado pelo crescimento no número de aldeias Terena que se estabeleceram e prosperaram (DOMINGO e MARIA, 2017).



Os Terena conseguiram conciliar a preservação de sua cultura com a incorporação dos benefícios da sociedade não indígena. Isso se deve, em grande parte, ao sucesso educacional de seus membros, que saíram de suas aldeias para trazerem o conhecimento e os avanços da modernidade para dentro de suas comunidades. Muitos desses indivíduos, apesar de terem uma alfabetização tardia, tornaram-se profissionais, professores, mestres e até mesmo doutores, que lutam e promovem a preservação de sua cultura e seu patrimônio imaterial (VENTURA et al., 2014, GOMES, 2023).

## 2.2 Aldeia Ipegue

A Aldeia Ipegue, onde está localizada a Escola Municipal Indígena Feliciano Pio, possui 926 habitantes, segundo o censo da FUNASA (2009) a maioria é Terena, há alguns casos de indivíduos de outras etnias ou mesmo “purútuyes” (não índios) que residem na comunidade por se casarem com moradores locais (FIALHO, 2010).

A Aldeia Ipegue (FIGURA 11) é uma das aldeias que formam a Terra Indígena Taunay/Ipegue, demarcada pela Funai em 2001. A comunidade tem uma forte presença cultural, com destaque para as danças e músicas tradicionais Terena, que são preservadas e transmitidas de geração em geração. Os rituais e cerimônias religiosas também são importantes para a comunidade (VARGAS, 2011; AMADO, 2017).



**FIGURA 11:** Placa de entrada da aldeia Ipegue no distrito de Taunay, em Aquidauana-MS.

Foto: Arquivo pessoal

A comunidade conta com uma escola e um posto de saúde, que atende não só aos habitantes da aldeia, mas também a moradores de outras comunidades indígenas

próximas. A aldeia enfrenta desafios em relação à infraestrutura, como a falta de asfalto nas estradas e a precariedade no fornecimento de água. Apesar desses desafios, os moradores da Aldeia Ipegue mantêm uma forte conexão com sua cultura e território, lutando pela preservação de suas tradições e pela garantia de seus direitos (VARGAS, 2011).

### 2.3 A escola Feliciano Pio

A história da Escola Feliciano Pio remonta aos primórdios da educação escolar na aldeia Ipegue e na Terra Indígena Taunay-Ipegue, embora documentos oficiais sejam escassos, e os poucos existentes são de difícil acesso, o presente texto é construído com base no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola Feliciano Pio, assim como relatos do Ancião Jonas Gomes (FIGURA 12), ex-aluno e ex-professor da referida escola, além de outros documentos acadêmicos.

Quando os padres redentoristas chegaram à região em 1912. Naquele tempo, as escolas locais começaram a ser organizadas, com aulas multisseriadas que eram ministradas na casa do então cacique Feliciano Pio por professores indígenas, como Quirino Pio e Laudelino Dias (PPP Escola Feliciano Pio, 2016; GOMES, 2023).



**FIGURA 12:** Srº Jonas Gomes com alunos da escola Feliciano Pio durante visita de turmas da escola em sua residência. Mesmo aposentado, o ancião sempre participa de atividades escolares, principalmente cotando os relatos da história da escola da aldeia.

Foto: Arquivo Pessoal



Ao longo dos anos, os padres que haviam iniciado a organização das escolas na região acabaram se afastando, deixando as escolas sob responsabilidade do então Serviço de Proteção ao Índio (SPI), que assumiu essa tarefa em torno de 1925. Posteriormente, missionários americanos chegaram às aldeias com o objetivo de implantar uma escola evangélica e estudos bíblicos, mas a resistência das lideranças locais, aliada à predominância católica na região, forçou-os a instalarem-se na Fazenda Esperança. Apesar dos obstáculos, a educação indígena na aldeia seguiu seu curso, como um rio que desvia das pedras (FIALHO, 2010).

Na década de 1940, as aulas na aldeia Ipegue aconteciam no pátio do posto do SPI, ministradas por professores não indígenas que compartilhavam alunos com a escola evangélica, onde eram ofertadas aulas de português. Sob pressão do SPI, os missionários foram obrigados a se mudar para outro local, resultando na construção da escola evangélica “Lourenço Buckman” no distrito de Taunay, que permanece em funcionamento até os dias atuais. Somente em 1968, a prefeitura de Aquidauana começou a atuar na educação da aldeia Ipegue, contratando os primeiros professores da comunidade. É possível notar o avançado estágio da educação naquele momento, com a presença de professores indígenas na comunidade (FIALHO, 2010; PPP Escola Feliciano Pio, 2016; GOMES, 2023).

Na década de 1970, a aldeia Ipegue recebeu sua primeira sala de aula, onde as aulas eram ministradas em português. Por opção dos professores, que consideravam que todos já falavam a língua materna, não viam a necessidade de ensiná-la naquele momento. Com a chegada da escola, as lideranças da aldeia decidiram nomeá-la em homenagem ao então cacique, “Capitão Feliciano Pio”. Essa denominação foi mantida até o ano de 1976 (PPP Escola Feliciano Pio, 2016; GOMES, 2023).

Em 1976, foi construída a primeira escola na aldeia Ipegue, chamada de “Núcleo escolar Feliciano Pio”, que tinha três salas de aula e atendia alunos da 1ª à 4ª série, nos períodos matutino e vespertino. Em 1986, essa escola foi transformada em um polo da Escola Municipal de Primeiro Grau Esmeraldina Malhado, e posteriormente, em 1995, foi desmembrada da referida escola (PPP Escola Feliciano Pio, 2016; GOMES, 2023).



Em 1996, foi criada a “Escola de Primeiro Grau Feliciano Pio”, nome que permaneceu até 1999, quando foi adicionado o termo “Indígena” às escolas localizadas em território indígena. Em 2004, com a inauguração da aldeia Colônia Nova como uma extensão da escola, a mesma passou a adotar o termo “Pólo”. Desde então, é conhecida como “Escola Municipal Indígena Pólo Feliciano Pio” (FIGURA 13), tendo seu prédio reformado no ano de 2022 (PPP Escola Feliciano Pio, 2016; GOMES, 2023).



**FIGURA 13:** Escola Municipal indígena Polo “Feliciano Pio”, após obras de reforma no ano de 2022.

Foto: Arquivo pessoal.

Muitos(as) alunos(as) tiveram sua formação educacional nesta escola e, posteriormente, seguiram para a cidade para aprimorar seus estudos em níveis mais avançados, como na faculdade. A maioria deles decidiram retornar à aldeia e, por meio de projetos, pesquisas e divulgação de conhecimento, contribuíram para o acesso a uma educação de qualidade em sua comunidade. Esses alunos, além de terem aprendido a garantir seus direitos legais, conseguiram acesso a melhores condições de vida, bem como equidade no acesso à educação, saúde e segurança (GOMES, 2023).

A busca pela construção da identidade da aldeia Ipegue é marcada por um aspecto peculiar em relação a outras comunidades indígenas: a convivência com a cultura não indígena e a falta de consciência sobre a importância da preservação da

língua materna, o que tem resultado na redução do número de falantes nativos. É alarmante observar que a aldeia possui o maior número de indivíduos não falantes da língua materna em toda a região (FIALHO, 2010; SANTOS, 2011).

Apesar das lutas constantes da comunidade, a perda gradativa da identidade cultural é um fato, devido ao desuso da língua materna pelos mais jovens. Atualmente, apenas os mais velhos utilizam a língua Terena, o que pode resultar na perda significativa de um patrimônio cultural imaterial importante. Nesse contexto, é imprescindível que a escola e o ensino na comunidade priorizem a preservação da língua Terena. Apesar dos esforços empreendidos para a preservação da cultura, a perda do idioma original é sem dúvida uma questão dramática (FIALHO, 2010).

#### 2.4 Tradições e cultura na escola Feliciano Pio

A escola Feliciano Pio desempenha um papel fundamental na promoção e valorização da cultura tradicional Terena, sendo um ponto de destaque para a comunidade, especialmente em festividades culturais. Por meio de inúmeros projetos escolares (FIGURA 14), universitários e comunitários, os Terena são incentivados a celebrar suas tradições e compartilhar sua cultura com pessoas de dentro e fora da aldeia (DOMINGO e MARIA, 2017).



**FIGURA 14:** Atividades alusivas ao dia 19 de abril em 2018, data referência para o calendário escolar onde os(as) alunos(as) se orgulham em se pintar, dançar e comemorar sua cultura.

Foto: Arquivo Pessoal.

Em aldeias indígenas, as festas são momentos de celebração que possuem um significado especial. Independentemente da ocasião, seja um casamento, aniversário ou formatura escolar, esses eventos são organizados de maneira a incluir



todos os membros da comunidade. O caráter comunitário dessas festividades é notável, com a participação voluntária de muitas pessoas no preparo das refeições e a generosidade em servir mesmo aqueles que não receberam um convite formal. Essas festas são um reflexo da solidariedade e da valorização coletiva que permeiam a cultura Terena (FIALHO, 2010; NASCIMENTO, 2021).

Dentre todas as celebrações, a formatura escolar assume um significado ainda mais profundo para os Terena. Para essa comunidade, a conclusão de uma etapa educacional representa não apenas o fim de um ciclo individual, mas também a conquista coletiva de seu povo. É um momento que simboliza o triunfo das lutas travadas pelos antepassados, que dedicaram suas vidas e esforços para que as gerações futuras pudessem desfrutar dessas oportunidades e alcançar o sucesso acadêmico. A formatura escolar é um momento de orgulho e reconhecimento da perseverança e da resiliência do povo Terena (DOMINGO e MARIA, 2017).

As formaturas são organizadas desde os(as) alunos(as) da pré-escola, até o nono ano do ensino fundamental e terceiro ano do ensino médio, e são uma oportunidade para estimular os formandos a continuarem construindo um futuro melhor para sua comunidade. Dessa forma, a festividade não apenas celebra a conquista individual, mas também reforça a importância da educação para a comunidade como um todo (SILVA, 2019).



**FIGURA 15:** Comemoração ao dia do índio de 2023, eu, Ariane Gomes, e colegas da comunidade apresentando a Dança das Mulheres, aldeia Ipegue em Aquidauana-MS.

Foto: Arquivo pessoal

As festas tradicionais desempenham um papel importante na cultura Terena, e dentre elas, destaca-se o “Kaxéna Kopenoty” (FIGURA 15), que marca o calendário anual da comunidade. O “Dia do Índio” é uma data significativa que celebra a cultura indígena, comemora as conquistas alcançadas e relembra as lutas ainda presentes. É uma demonstração da resistência desse povo, que já venceu muitas batalhas em prol de seus direitos (NASCIMENTO, 2021).

Durante essa festividade, as apresentações das danças tradicionais, historicamente, sempre têm papel central (FIGURA 16), como a “Yokena Kipae” (Dança da Ema em Terena, também conhecida como dança do Bate-Pau) e a “Sipú Terenoe” (Dança das Mulheres).



**FIGURA 16:** Organização da Dança dos homens, “Yokena Kipae”, e das mulheres, “Sipú Terenoe”, durante as festividades do dia 19 de abril na década de 1980.

Foto: Arquivo pessoal

A Yokena Kipae é dividida em peças que simbolizam as batalhas enfrentadas pelos homens, enquanto a Sipú Terenoe representa a comemoração das mulheres com o retorno vitorioso dos homens que foram à luta, elas desempenham um papel importante nas festividades e celebrações da comunidade Terena, sendo uma forma de expressar sua identidade cultural e preservar suas tradições, são consideradas o ápice da festividade, o momento mais aguardado.

A dança do bate-pau e a dança das mulheres, são manifestações cheias de significados. Cada movimento traz consigo mensagens importantes, transmitindo coragem, força e resistência, simbolizando as batalhas enfrentadas pelo povo Terena. Essas danças vão além de uma expressão artística e cultural, ela desempenha um papel social significativo, fortalecendo os laços comunitários, promovendo o

sentimento de pertencimento e transmitindo conhecimentos e valores ancestrais às gerações mais jovens (NASCIMENTO, 2020; CUNHA 2021).

É fundamental ressaltar que as danças tradicionais Terenas são patrimônio imaterial de grande valor, que merecem ser valorizadas e preservadas. Por meio da prática contínua e transmissão para as novas gerações, os Terenas asseguram a perpetuação de sua cultura e a preservação de suas tradições milenares. Essas danças são um legado precioso que nos conecta com a história e identidade desse povo, representando a riqueza de sua herança cultural.

As festividades tradicionais não se limitam apenas a reviver o passado, mas também a reconstruí-lo com a participação dos mais jovens. Para isso, é importante contar com ações concretas, como o projeto Koxunákopoti Vitúkeovo – “Reafirmando nossa identidade” (FIGURA 17 e 18), desenvolvido na Aldeia Ipegue sem frequência anual desde 2012, atualmente com 4 edições. O objetivo desse projeto foi usar a escola como uma ferramenta para revitalizar a cultura indígena Terena na aldeia (DOMINGO e MARIA, 2017).



**FIGURA 17:** Fotos do projeto Koxunákopoti Vitúkeovo (Reafirmando nossa identidade), desenvolvido na escola Feliciano Pio, ocasião em que a comunidade é convidada para prestigiar e fazer parte do processo de transmissão de valores que ocorre dentro da escola. Em “A”, alunos homenageiam Feliciano Pio, importante personalidade da comunidade dando nome à escola. Em “B” e “C” alunos apresentando suas atividades desenvolvidas e em “D”, anciãos da comunidade que participam das festividades contribuindo com seus relatos e histórias em torno da escola e as lutas da comunidade.

Foto: Arquivo pessoal

Durante o projeto, são abordados diversos temas, como Mitos Terena, Arte e Cultura, moradias, medidas tradicionais, plantas regionais e seu uso na nutrição e homeopatia, além de mudança de hábitos nutricionais dos Terena e na forma de aquisição dos alimentos (FIGURA 18). Tudo isso foi discutido e debatido nas disciplinas escolares e apresentado posteriormente para a comunidade pelos(as) próprios(as) alunos(as).



**FIGURA 18:** Projeto Koxunápoti Vitúkeovo ao longo dos anos, em “A” e “B” no ano de 2014, oportunidade em que o senhor ancião Jonas Gomes compartilha um pouco de suas muitas histórias envolvendo a escola Feliciano Pio (em “B”); em “C” e no ano de 2017 alunos apresentam maquetes de moradias tradicionais e em “D” participam de oficina de trabalho com algodão em que uma anciã os ensina como trabalhar com o material; em “E” membros da comunidade que participaram do evento em 2019, e em “F” alunos em seu estande apresentando trabalho sobre a língua Terena.

Fotos: Arquivo pessoal



## **CAPÍTULO 3 – Uma abordagem da escola municipal indígena “Feliciano Pio” (Aldeia Ipegue) através da metodologia da aula oficina**

### **3.1 Aula-oficina e a Escola Indígena**

A aula oficina é uma abordagem pedagógica que coloca os(as) alunos(as) no centro do aprendizado, proporcionando uma experiência mais envolvente e participativa, que vai além da teoria, incentivando os(as) estudantes a colocarem a mão na massa por meio de atividades práticas, experimentos e debates (BARCA, 2004; FERREIRA e NETO, 2022). Ou seja, experimentando diferentes fontes de se obter conhecimento sobre um determinado tema e, dessa forma, eles(as) conseguem fazer conexões reais com o conteúdo e desenvolver habilidades relevantes para o mundo atual, como o pensamento crítico, a criatividade e o trabalho em equipe.

Uma das coisas interessantes sobre a aula oficina é a maneira como ela promove a construção coletiva do conhecimento, um momento importante é o questionamento inicial sobre o que cada aluno(a) conhece sobre determinado tema (BARCA, 2004; ANTONELLO, 2020). Dessa forma, os(as) alunos(as) são estimulados(as) a trabalharem juntos, trocar ideias e construir o conhecimento em conjunto. Isso não apenas fortalece sua autonomia, mas também os torna protagonistas de sua própria aprendizagem (FIGURA 19), assumindo responsabilidade pelo processo e pelos resultados.

Outro aspecto positivo dessa abordagem é a forma como a avaliação é feita. Na aula oficina, não apenas o resultado final é levado em consideração, mas todo o processo de aprendizagem. Isso significa que os erros são vistos como oportunidades de aprendizado, os(as) alunos(as) são incentivados a refletir sobre o que podem melhorar e a adotar uma postura crítica em relação aos conteúdos abordados.

No entanto, é preciso destacar que a implementação da aula oficina requer um planejamento cuidadoso por parte dos educadores. Eles precisam criar estratégias que permitam a participação ativa de todos os(as) alunos(as), garantindo que todos tenham espaço para contribuir e compartilhar suas ideias (BARCA, 2004). Além disso, é fundamental estabelecer um ambiente seguro e acolhedor, onde os(as) alunos(as) se sintam à vontade para expressar suas opiniões e conhecimentos prévios.

A aula oficina é uma abordagem pedagógica promissora que transforma o processo de ensino-aprendizagem em uma experiência significativa e envolvente. Ao

estimular a participação ativa dos(as) alunos(as), a construção coletiva do conhecimento e a reflexão sobre o processo de aprendizagem, ela contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes. No entanto, é importante destacar a necessidade de uma implementação cuidadosa, levando em consideração as características dos(as) alunos(as), os objetivos educacionais e as condições específicas de cada contexto de ensino.



**FIGURA 19:** Em “A”, “B”, “C” e “D”, alunos durante aula-oficina onde foram confeccionadas as vestimentas para o 19 de abril, momento em que aprendem os significados das pinturas, dos passos e da data.

Foto: Arquivo Pessoal

Diversos estudos têm sido realizados para explorar o potencial dessa metodologia em diferentes contextos, como é o caso do trabalho de Antonello (2020), que apresenta o uso da aula oficina no ensino de História local no município de Guarantã do Norte, em Mato Grosso. O estudo evidencia como o ensino da História local pode ser uma forma efetiva de aproximar os(as) alunos(as) de sua própria realidade, permitindo uma compreensão mais crítica e aprofundada de sua história e cultura. Nesse sentido, a aula oficina se mostra uma metodologia fundamental para o desenvolvimento de atividades que estimulem a investigação, a pesquisa e a reflexão crítica sobre a realidade histórica local.

### 3.2 Educação Patrimonial e a Aula-oficina

A Educação Patrimonial é uma abordagem educacional que visa promover a valorização, preservação e difusão do patrimônio cultural, seja ele material ou imaterial, de uma determinada comunidade ou região. Segundo o “Guia Básico da Educação Patrimonial” de Horta et al., 1999, essa prática educativa busca desenvolver

uma consciência crítica sobre o patrimônio, fortalecer a identidade cultural e promover a participação ativa dos indivíduos na preservação e promoção do seu próprio patrimônio.

No livro “Patrimônio Cultural em Oficinas: Atividades em contextos escolares” de Lacerda et al., 2015, é abordada a relação entre a Educação Patrimonial e a escola como um patrimônio cultural. A escola é entendida como um espaço que carrega consigo valores, práticas, memórias e tradições (FIGURA 20), sendo importante preservar sua história e promover a reflexão sobre o seu papel na comunidade.



**FIGURA 20:** Alunos da escola Feliciano Pio apresentando danças tradicionais Terena em comemorações na escola. As danças tradicionais são apresentadas em festividades que possuem importância para a comunidade como forma de comemorar e relembrar as lutas que culminaram em cada momento de celebração.

Foto: Arquivo Pessoal

A metodologia da aula oficina, por sua vez, está relacionada à prática da Educação Patrimonial. Ela consiste em criar um ambiente de aprendizagem interativo e participativo, em que os(as) alunos(as) têm a oportunidade de vivenciar experiências práticas, explorar o patrimônio cultural de forma ativa e construir conhecimentos de maneira significativa. A aula oficina permite que os estudantes investiguem, experimentem, criem e reflitam sobre o patrimônio, valorizando sua importância e promovendo a conexão com sua própria identidade cultural (LACERDA et al., 2015). Dessa forma, a Educação Patrimonial, aliada à metodologia da aula oficina,

busca estimular a valorização do patrimônio cultural, seja ele material ou imaterial, por meio de atividades práticas, experiências significativas e reflexões críticas. Ela visa despertar o interesse dos(as) alunos(as), e envolvê-los ativamente na preservação e promoção do patrimônio, e contribuir para o fortalecimento da



identidade cultural e o desenvolvimento de uma consciência patrimonial (CERQUEIRA, 2005; OLIVEIRA et al., 2017).

### 3.3 Educação Patrimonial em Aula-oficina na escola da Aldeia Ipegue: Uma rica fonte de saberes

A Escola da Aldeia Ipegue é um espaço de valor incalculável, onde a riqueza cultural e histórica dessa comunidade indígena é construída, preservada e transmitida às novas gerações. Essa singularidade oferece um imenso potencial para utilizar a escola como tema central da Educação Patrimonial, utilizando a metodologia de aula-oficina para promover atividades escolares envolventes e significativas (TOLENTINO, 2012; TOLENTINO, 2019).

Ao explorar a riqueza cultural da escola como na Aldeia Ipegue, os(as) alunos(as) têm a oportunidade de se conectar com sua própria história, identidade e herança cultural. A Educação Patrimonial, nesse contexto, permite que os estudantes compreendam a importância da escola como um patrimônio cultural vivo, onde conhecimentos, valores e tradições são transmitidos de geração em geração (LACERDA, 1996; BORIN, 2019).

A abordagem da aula-oficina é especialmente adequada para envolver os(as) alunos(as) de forma ativa e participativa nesse processo. Eles podem realizar pesquisas sobre a história da escola, entrevistar antigos professores e funcionários (FIGURA 21), coletar relatos e fotografias antigas, e até mesmo criar um arquivo histórico que documente a evolução da instituição ao longo do tempo semelhante com o projeto político pedagógico da escola (LACERDA et al., 2015; SOUZA, 2020).



**FIGURA 21:** Oficinas aonde os(as) alunos(as) vão até os anciãos da comunidade aprender algo de sua cultura, em “A” e “B” oficina de confecção de abanico, a mesma anciã em 1982 e em 2017 ensinando os(as) alunos(as) a arte de trançar abanicos, em “C”, o ancião Jonas contando lendas e mitos da tradição Terena.

Foto: Arquivo Pessoal

Durante o curso de História realizamos uma proposta pedagógica que foi aplicada na escola municipal Marcolino Lili (FIGURA 22), localizada na aldeia Lagoinha, comunidade próxima à aldeia Ipegue, na oportunidade, trabalhamos com a turma do 9 ano do ensino fundamental. O texto base usado foi o livro intitulado A Linha Negra de Mário Teixeira, publicado pela editora Scipione em 2014.



**FIGURA 22:** Aula-oficina realizada por acadêmicos do curso de História da UFMS/CpAq, na escola Marcolino Lili, na aldeia Lagoinha.

Foto: Arquivo pessoal.

Preparamos uma dinâmica, para provocar o interesse do aluno nas atividades proposta em sala de aula, elaboramos atividades referentes ao texto a linha negra, no final da aula apresentamos nosso jogo de dado que tinha como objetivo trazer aquele aluno mais tímido para participar e entender o conteúdo, uma vez que as perguntas eram todas relacionadas ao nosso conteúdo.

Dividimos a sala em 2 grupos cada componente sorteava o número do dado e respondia a pergunta correspondente ao número sorteado, acertando o grupo andava uma casa, o primeiro a chegar na última casa era o vencedor. Através da brincadeira construímos uma ligação com aluno, tornando a aula mais interessante para eles avaliamos os(as) alunos(as) através da participação, interesse e desenvolvimento nas atividades proposta.

Além disso, as atividades de aula-oficina podem incluir a realização de oficinas práticas que resgatem práticas tradicionais (FIGURA 21), como a confecção de artesanatos indígenas, a produção de alimentos típicos, a realização de danças e rituais tradicionais, entre outras manifestações culturais presentes na escola, experiências essas que permitem aos(as) alunos(as) vivenciar e valorizar sua cultura



de forma autêntica, promovendo o senso de pertencimento e a valorização do patrimônio cultural da escola (HORTA et al., 1999).

Utilizar a riqueza cultural da escola, como no caso da Aldeia Ipegue, como tema de Educação Patrimonial em uma abordagem de aula-oficina nas atividades escolares é uma forma de promover o protagonismo dos(as) alunos(as), estimulando o desenvolvimento de habilidades de pesquisa, investigação, reflexão crítica e valorização da identidade cultural. No que diz respeito a Escola Municipal Indígena Pólo Feliciano Pio o/a professor/a pode trabalhar o espaço educacional a partir da concepção da Educação Patrimonial e da proposição de uma aula oficina. Nesse cenário, escolher o enfoque e planejar os passos da aula oficina são fundamentais para a execução da metodologia.

O/a professor/a deve pensar e definir:

- O ano que a Aula Oficina será aplicada.
- A carga horária a ser utilizada (quantidade de aulas).
- Tema/conteúdo que será abordado:
  - ◆ Quando se trata de pensar a Escola como um espaço de memória e patrimônio da comunidade vários são os enfoques que podem ser elencados, cita-se como exemplos:
    - Trabalho com fotografias que permitam pensar o desenvolvimento da Escola e a comunidade escolar.
    - Rodas de conversa com membros da comunidade escolar aposentados e em atuação com o objetivo de compreender a percepção que possuem sobre a Escola, assim como entender a história e memória que carregam.
    - Pesquisa nos documentos oficiais da Escola, como por exemplo: Diários de Classe, Projeto Político Pedagógico, Boletins, Livros Ata etc.
    - Em projeto interdisciplinar com arquiteto/a pode ser estudado o prédio da escola.
    - Em projeto interdisciplinar com o/a professor/a de artes pode ser realizado trabalho de desenho/pintura/recorte sobre o prédio e/ou



cenários que os/as alunos/as percebem como significativos na Escola.

- Com os/as alunos/as organizar uma aula fora da sala de aula, pedir para que tragam celulares ou câmeras fotográficas e que registrem as imagens que mais chamam a atenção na Escola; encerrada essa fase, solicitar aos/as alunos/as que apresentem as fotografias que tiraram e promova o debate entre eles e elas.
- Organizar uma aula de campo e sair com os/as alunos/as para uma caminhada na região da escola e entrevista juntos aos/as moradores/as da região sobre o que eles pensam da Escola.

Esses são apenas alguns exemplos de como a Escola pode ser abordada como patrimônio cultural de determinada comunidade. De qualquer maneira, vale ressaltar, que o/a professor/a deve ter clareza ao escolher o tema a ser trabalhado de acordo com suas necessidades e, após a escolha do tema, elaborar: a justificativa explicitam a escolha e relevância do tema; os conteúdos a serem abordados; a metodologia a ser seguida; os materiais e fontes que serão utilizados; as questões e as atividades que serão realizadas, assim como definir como os/as alunos/as serão avaliados/as.

Ressalta-se, por fim, que essa abordagem possibilita uma aprendizagem significativa e contextualizada, conectando os estudantes com suas raízes e fortalecendo sua autoestima e orgulho cultural (LACERDA et al., 2015).

Dessa forma, a escola se torna não apenas um espaço de ensino, mas um verdadeiro centro de preservação e promoção da cultura e história da Aldeia Ipegue, contribuindo para a construção de uma educação mais inclusiva, valorizando a diversidade cultural e promovendo o respeito às tradições e saberes indígenas.



#### 4 Conclusões

A preservação do Patrimônio Cultural da aldeia Ipegue é uma responsabilidade compartilhada por todos, desde a comunidade local até a sociedade em geral. Através de projetos acadêmicos e sociais, com foco especial na escola da comunidade, é possível registrar e valorizar os acontecimentos, tradições e avanços da comunidade, mantendo viva a sua história. A educação patrimonial desempenha um papel fundamental nesse processo, conscientizando sobre a importância de preservar o patrimônio imaterial da sociedade.

Espera-se que este trabalho sirva como um ponto de partida para futuros trabalhos que busquem discutir e preservar os patrimônios culturais da comunidade Terena, especialmente da Aldeia Ipegue. Além disso, é fundamental incentivar a adoção de abordagens inovadoras, como a aula-oficina, para promover a educação patrimonial de forma prática e participativa.

Juntos, podemos garantir que a rica história e cultura da aldeia Ipegue sejam eternizadas e valorizadas pelas gerações futuras. Ao investir na preservação do Patrimônio Cultural, estamos enriquecendo nossa identidade coletiva e fortalecendo os laços com nossa herança cultural. É um trabalho constante, mas recompensador, que nos permite celebrar a diversidade e promover o respeito às tradições e saberes da comunidade.



## REFERÊNCIAS

ABRANTES, A. R. **Tecnologias digitais como instrumentos de preservação do patrimônio urbano edificado**. Dissertação de Mestrado. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

ALMEIDA, T. A. **Trajetórias de um sonho: o colecionador Antonio Marcelino do Nascimento e o Museu Tempostal em Salvador-BA (1965-1997)**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Museologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. 2019.

AMADO, L. H. E. **O despertar do povo Terena para os seus direitos: Movimento indígena e confronto político em Mato Grosso do Sul**. *MovimentAção*, Dourados, v. 4, nº. 6, p. 83-104, 2017.

ANTONELLO, R. S. S. **A História Local no Processo de Ensino e Aprendizagem Histórica: o caso do município de Guarantã do Norte-MT**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Federal de Mato Grosso, 2020.

BALTAZAR, P. **O processo decisório dos Terena**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CERQUEIRA, F. V. **Patrimônio cultural, escola, cidadania e desenvolvimento sustentável**. *Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, v. 9, n. 1, p. 91-109, 2005.

CHUVA, M. **Release sobre a revista do patrimônio**. *Revista do Patrimônio Cultural e Artístico Nacional*. v. 34. Iphan: Brasília. 2012.

CORRÊA, Antenor; BORGES, Clóvis. **Viola de cocho: da tradição pantaneira a patrimônio imaterial brasileiro**. In: *DAPesquisa*, v. 7, p. 324-336, 2010.



CUNHA, F. C. D. F. **A dança do bate pau: uma dança indígena com influência portuguesa?** Saberes dos Povos, Desconstrução e Branquitude, v. 2 n. 4. 2021.

CONCEIÇÃO, G. A. **Identidade cultural e o sentimento de pertencimento.** Revista Signos, v. 39, n. 1, 2018.

DE OLIVEIRA, J. E. **Etnoarqueologia, colonialismo, patrimônio arqueológico e cemitérios Kaiowá no estado de Mato Grosso do Sul, Brasil.** Revista de Arqueologia, v. 29, n. 1, p. 136-160, 2016.

DOMINGO, S. V.; MARIA, E. C. **Análise do comportamento socioambiental terena por meio de marcadores espaço-temporais: uma contribuição para a conservação da cultura.** Interações (Campo Grande), v. 18, p. 59-73, 2017.

DORSA, A. C.; CASTILHO, M. A.; SANTOS, M. C. L. F. **Artesanato de etnias indígenas: patrimônio cultural de Mato Grosso do Sul.** Interações (Campo Grande), v. 16, p. 467-473, 2015.

\_\_\_\_\_ Escola Indígena Feliciano Pio. **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal indígena Feliciano Pio.** [Documento interno]. Acesso interno. 2016.

FACCIO, N. B. **A aldeia Carapicuíba e sua resolução de tombamento.** Revista Tópos, vol. 04, nº 02. 2010.

FERREIRA, I.; FERREIRA, A.; DO ROSÁRIO, A. L. **Normas internacionais de preservação do patrimônio histórico e cultural (1931–2003).** RIDPHE\_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo, v. 6, 2020.

FERREIRA, M. L. M. **Patrimônio: Discutindo Alguns Conceitos.** Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006.

FIALHO, C. F. **O percurso histórico da língua e cultura Terena na aldeia Ipegue Aquidauana-MS.** Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Católica Dom Bosco. 2010.



FUNARI, P. P. A. **Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil.** Trabalhos de antropologia e etnologia, v. 41, n. 1-2, 2020.

FUNARI, P. P. A.; PELEGRINI, S. C. A.. **Patrimônio Cultural e Cidadania.** Contexto, 2006.

GAGO, M. **A aula-oficina na caminhada de aprender a ser professor de História.** Roteiro, v. 45, 2020.

GODOY, E. V.; SANTOS, V. M. **Um olhar sobre a cultura.** Educação em Revista, v. 30, n. 3. 2014.

GOMES, J. **Relato pessoal sobre sua relação com a escola Feliciano Pio.** Aldeia Ipegue, distrito de Taunay, Aquidauana-MS. 2023.

GONÇALVES, J. R. S. **O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 28, nº 55, 2015.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia Básico da Educação Patrimonial.** Museu Imperial / DEPRM - IPHAN - MINC. 69 p. 1999.

LACERDA, A. D. **A Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil.** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 24, p. 9-27, 1996.

LACERDA, A. D.; et al. **As relações entre Educação e Patrimônio Cultural.** In: Patrimônio Cultural em Oficinas: Atividades em contextos escolares. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2015, pp. 11-33.

MARCHETTE, T. D. **Educação Patrimonial e Políticas Públicas de Preservação no Brasil.** Curitiba: InterSaber. 2016.

MARTINS, G. O. **Patrimônio, herança e memória.** Participação: Partilhando a Responsabilidade, p. 18, 2009.

MONTEIRO, L. A. **Os Terena na história.** Tellus, p. 227-241, 2019.



NASCIMENTO, E. C. M. **Aprendendo com a dança das mulheres Terenas (SIPÚTERENA)**. Revista Diálogos Interdisciplinares – GEPFIP, v. 1 n. 8. 2020.

NASCIMENTO, E. C. M. **Saberes indígenas e educação ambiental: aprendendo com os Terena da Aldeia Lagoinha no Município de Aquidauana–Mato Grosso do Sul**. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Católica Dom Bosco. 2021.

NASCIMENTO, F. B. **Patrimônio Cultural e escrita da história: a hipótese do documento na prática do Iphan nos anos 1980**. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material (online), v. 24, n. 3. 2016.

NASCIMENTO, R. M. **Relações entre o patrimônio material e imaterial: O caso do cemitério japonês**. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, v. 06, nº 2. 2009.

NICODEMO, T. L.; SANTOS, P. A. C.; PEREIRA, M. H. F. **Uma introdução à história da historiografia brasileira (1870-1970)**. FGV. Rio de Janeiro. 2018.

OLIVEIRA, C. A. P. de. **Educação patrimonial no Iphan: análise de uma trajetória**. Revista CPC, [S. l.], v. 14, n. 27esp, p. 32-54, 2019.

OLIVEIRA, T. D.; DINIZ, B. C.; WILDNER, G. S. **Arquitetura e patrimônio: A educação patrimonial como possibilidade sustentável de preservação**. 2017.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCARDINI, M. C. M. **Memórias do presente: patrimônios de Mato Grosso do Sul**. Org. Maria Clara Mascarenhas Scardini. Campo Grande, MS. IPHAN, 2019.

SILVA, E. **Os índios e a civilização ou a civilização dos índios? Discutindo conceitos, concepções e lugares na história**. Boletim do Tempo Presente, nº 10, de 01 de 2015.



SOUZA, V. B. **Aprender História para a vida: novos olhares para o bairro em proposta de aula-oficina.** 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

SPINA, G. L.; SERRATO, E. B. F. **Patrimônio histórico e cultural: uma revisão bibliográfica.** Educação, Batatais, v. 5, n. 3, p. 99-116, 2015.

TELLES, M. F. P. **Patrimônio cultural material e imaterial - dicotomia e reflexos na aplicação do tombamento e do registro.** Políticas Culturais em Revista, v. 03, n. 2. 2010.

TOLENTINO, A. B. **Educação patrimonial: reflexões e práticas.** / Átila Bezerra Tolentino (Org.) – João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

TOLENTINO, A. B. **Educação patrimonial: educação, memórias e identidades.** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Org. Átila Bezerra Tolentino. João Pessoa-PB. 2013.

TOLENTINO, A. B. **Educação patrimonial e construção de identidades: diálogos, dilemas e interfaces.** Revista CPC, vol. 14, n. 27 especial. 2019.

UNESCO. **Patrimônio mundial no Brasil.** Disponível em: <<https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasilia/expertise/world-heritage-brazil>>. Acesso em: 17 de set. de 2022.

VARGAS, V. L. F. **A dimensão Sociopolítica do território para os Terenas: as aldeias nos séculos XX e XXI.** Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2011. 187p.

VENTURA, M. T.; LACERDA, L. T.; NINCAO, O. S. **Histórias e desafios da formação docente na escola indígena pelo General Rondon, Aquidauana, Mato Grosso do Sul, Brasil.** Revista Diálogos Interdisciplinares – GEPIFIP, v. 1 n. 1. 2014.

ZANIRATO, S. H.; RIBEIRO, W. C. **Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável.** Revista Brasileira de História (online), v. 26, n. 51. 2006. Acesso em 24 out. 2022.



ZARBATO, J. M.; SCHOSSLER, J. C.; VIEIRA, C. A. **Educação patrimonial, História pública e ensino: análise e possibilidades para a História.** Fronteiras: Revista de História. 2019.

### **Arquivos para anexo (Vídeos e documentários)**

Índios Terena (1977) – Arquivo Nacional:

[https://www.youtube.com/watch?v=uiTYS\\_2vnnQ&ab\\_channel=ArquivoNacional](https://www.youtube.com/watch?v=uiTYS_2vnnQ&ab_channel=ArquivoNacional)

Cerimônia de Casamento “tradicional Terena”:

[https://www.youtube.com/watch?v=5aTwcvb17AA&ab\\_channel=PretoIndio](https://www.youtube.com/watch?v=5aTwcvb17AA&ab_channel=PretoIndio)

Aldeias Terena de Taunay, Aquidauana-MS (SBT-2013):

[https://www.youtube.com/watch?v=sfSFbesAxkl&ab\\_channel=SBTMS](https://www.youtube.com/watch?v=sfSFbesAxkl&ab_channel=SBTMS)

Terenas – Os Índios do Pantanal (Richard Rasmussen):

[https://www.youtube.com/watch?v=IGPZhW4oZBU&ab\\_channel=RichardRasmussen](https://www.youtube.com/watch?v=IGPZhW4oZBU&ab_channel=RichardRasmussen)

Tipos de Moradia Terena:

[https://www.youtube.com/watch?v=JqFtsmDiO1Q&ab\\_channel=M%C3%ADdiaemrede](https://www.youtube.com/watch?v=JqFtsmDiO1Q&ab_channel=M%C3%ADdiaemrede)

Produção de Cerâmicas Terna:

[https://www.youtube.com/watch?v=fgAFzNXKK1k&ab\\_channel=Funda%C3%A7%C3%A3odeCulturadeMS-Oficial](https://www.youtube.com/watch?v=fgAFzNXKK1k&ab_channel=Funda%C3%A7%C3%A3odeCulturadeMS-Oficial)

Fotos Cotidiano Terena (século XX):

[https://www.youtube.com/watch?v=6TsKoeYPKsA&ab\\_channel=ArmandoBulcao](https://www.youtube.com/watch?v=6TsKoeYPKsA&ab_channel=ArmandoBulcao)

Documentário aos ancestrais:

[https://www.youtube.com/watch?v=sO29312lWy4&ab\\_channel=ConselhoNacionaldosDireitosdaPessoaldosa](https://www.youtube.com/watch?v=sO29312lWy4&ab_channel=ConselhoNacionaldosDireitosdaPessoaldosa)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE AQUIDAUANA  
CURSO DE HISTÓRIA



Preparação para o 19 de abril:

<https://www.youtube.com/watch?v=ydE2Ob0QsMk>